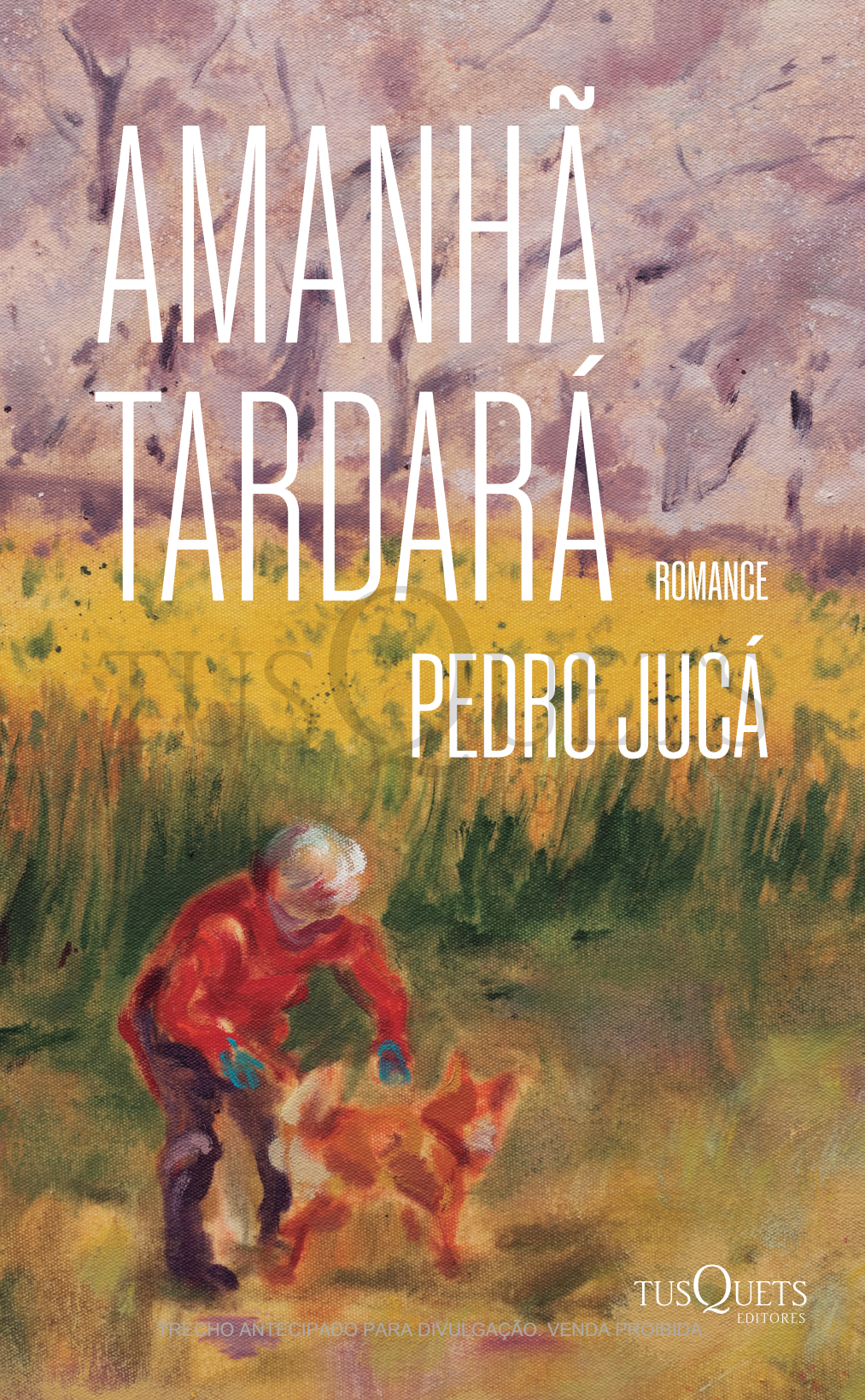




AMANHÃ TARDARÁ

ROMANCE

PEDRO JUCÁ

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

AMANHÃ TARDARÁ

ROMANCE

PEDRO JUCA

TUSQUETS
EDITORES

Copyright © Pedro Jucá, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Revisão: Marina Castro e Fernanda Guerriero Antunes
Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Capa: Gabriela Pires
Imagem de capa: Mika Takahashi

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Jucá, Pedro
Amanhã tardará / Pedro Jucá. – 1. ed. – São Paulo :
Planeta do Brasil, 2024.
320 p.

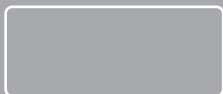
ISBN: 978-85-422-2747-5

1. Ficção brasileira I. Título

24-2224

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Eu não conseguia encontrar Mima em canto nenhum.

Comecei por meu quarto. Vasculhei travesseiros e lençóis, que eu não arrumava nunca, subi na cama e me estiquei para ver se ela estava no alto do meu armário, seu novo lugar favorito. Os vãos debaixo dos móveis da sala e da cozinha estavam vazios. Na sacada, onde ficava sua comida durante o dia, o montinho de ração estava revirado, vazio no centro e cheio nas bordas, sinal de que, se não fazia tanto tempo desde sua última refeição, ela não poderia ter ido tão longe.

No dia anterior, eu havia marcado uma consulta para ela na cidade, porque Ourives não contava com médicos-veterinários. Na realidade, mal contávamos com médicos *humanos*, que só apareciam no Postinho umas duas vezes na semana. Qualquer problema de saúde era primeiro tratado com chás, unguentos e sono (“vá dormir que passa, meu filho”). Alopátia só em caso de não se conseguir mais nem se levantar da cama. Cuidar de animais domésticos – aqueles que não tivessem serventia imediata para o sustento, como bois, porcos ou cavalos –, ativamente cuidar deles, para além da mínima manutenção com água

e comida, soava, portanto, como um estrangeirismo – tanto que, quando avisei à minha mãe que levaria Mima ao veterinário, ela olhou para mim com uma careta de surpresa.

Faltavam duas horas para a consulta, e eu levaria pelo menos cinquenta minutos para dirigir até a clínica veterinária. Como eu ainda não havia visto meu pai, me senti culpado por pegar seu velho carro para procurar Mima. Papai ainda me era, àquele momento, som e cheiro. Cada vez menos esparsos, seus gemidos seguiam em um crescendo até o ponto em que, à semelhança de uma melodia infinita em instrumento de sopro, se tornavam contínuos. Eu esperava com sofreguidão pelo momento em que mamãe entrasse no quarto com frascos e seringas. Papai então se aquietava, e eu mesmo relaxava, respirava melhor. Entre químico e escatológico, um ar moribundo escapava pela porta momentaneamente aberta e se espalhava pela casa, se impregnando em minhas narinas. Quando minha mãe saía dali depois de trocar as fraldas de meu pai, eu me escondia no banheiro, fazia espuma com o sabonete e aspirava as bolhas com intensidade, cerrando os olhos quando a mucosa começasse a queimar.

Saí com o carro engatado na primeira, dirigindo bem devagar para não assustar Mima, caso estivesse pela redondeza. Ao meu lado, uma latinha de atum aberta e uma caixa de transporte. Abri os vidros enquanto subia pelo declive da rua de meus pais. Dobrei à direita, depois à esquerda, depois à direita de novo.

Ourives havia seguido o curso natural das vilas da região: modernizar-se ao preço de se desgastar.

As casas contavam com parabólicas de TV por assinatura, e seus interiores, que eu entrevia através de portas e janelas, estavam aparelhados com geladeiras brancas, máquinas de lavar, televisões de tela plana e computadores que recebiam internet dos cabos estendidos entre os postes. A contrapartida a isso era a decrepitude generalizada. Se a maioria não era pobre, também não era rica o suficiente para arcar com a parafernália tecnológica e, ao mesmo tempo, com o custo da manutenção de paredes, pinturas, calhas e calçadas.

Além disso, a escolha não se dava somente por motivos pecuniários. Instalava-se em Ourives, embora com um tanto de retardo, a ética de uma nova geração – a minha. Transitando a esmo por aquelas ruas, pude reencontrar e, com algum esforço, reconhecer inúmeros colegas do colégio (será que, sob a barba, eles também me reconheciam?). Havíamos sido crianças e adolescentes que cresceram e se tornaram adultos com muito menos aptidões domésticas que nossos pais, agora velhos e desistentes. Obtinha-se um diploma em uma faculdade, mas não se trocava a lâmpada queimada da garagem; lia-se mais, falava-se inglês (e até francês), mas cozinhar e lavar louça eram um suplício muito confortavelmente trocado por comprar marmitta de restaurantes da Vila Alta; fazia-se mais dinheiro com trabalhos na cidade ou com agricultura e pecuária mecanizadas, mas ele deveria ser economizado para uma viagem, não para a troca da madeira afogada do piso da varanda.

Eu rebatia meus pais quando eles nos chamavam de desleixados, displicentes ou mesmo preguiçosos, mas, assistindo de fora à *decadência informatizada* de

Ourives, pude entender o que eles queriam dizer (talvez eu mesmo estivesse ficando velho, constatei com uma risada).

Não tive coragem de perguntar de Mima a ninguém. Passei por dois mercadinhos, mas me contive, porque me encabulava com o pressentimento de que me julgariam. Para um estranho, seria invasivo gritar da janela e perguntar sobre o paradeiro da gata da Hilde da Vila Baixa. Para um (re)conhecido, seria muito má educação – “você viram que o Marcelo sumiu por anos, se mandou pros Estados Unidos e aí apareceu do nada no carro do pai doente querendo saber da gata rabuja da mãe?”. Preferi, por isso, peregrinar sozinho a cair na *ignomínia pública* (ri mais uma vez).

Mais duas curvas e encontrei Mima em uma esquina. Com a cauda recolhida em caracol ao redor de si mesma, lambia a patinha e, em seguida, esfregava as orelhas pesteadas em movimentos insistentes, os olhos fechados de indiferença ao restante do mundo. Estacionei o carro e, com cautela, me aproximei com o atum e a caixa de transporte. Mima miou fino, um miado trêmulo que queria dizer “pode vir, eu gosto de você”. Eu me abaixei e deixei que metesse a cara na latinha – já não havia meios de chegar a tempo no veterinário, depois eu remarcava. Cocei as costas de Mima no ponto que ficava bem na base do rabo, e ele vibrou de prazer. Olhei para cima, para o prédio à nossa frente, e, captando a ironia de nossa parada final, dei vazão à gargalhada que vinha se formando em mim.

Mima entrou de bom grado na caixa de transporte e entramos juntos no carro. Eu ainda ria muito alto quando comecei a observar melhor o prédio de minha

antiga escola. Estava muito bem preservado, mas não vinha disso a minha surpresa. Eu achava que, se escapasse de casa por aquele dia, escaparia também das memórias domésticas. Estava errado. Com uma piscadinha marota, Ourives me forçava a lembrar. Naquela escola, recorrendo aos livros, me refugiei o quanto pude das aflições de menino e de adolescente. Foi dali que veio o subtexto da gravidez precoce de minha irmã – e, portanto, da minha relação tão crucial com Yule –, foi ali que, com nostálgica violência, tive meu primeiro contato sexual propriamente dito. Enxuguei os olhos úmidos de tanto rir, tamborilei os dedos na caixa da Mima e, dando uma última olhada para a escola, dirigi de volta para casa.

TUSQUETS
EDITORES

.1.

A morte de meu tio afetou meus familiares de diferentes maneiras.

Nos anos que se seguiram, quase não houve rastro que ligasse suas atitudes àquela tarde de domingo, e eu mesmo parecia ter escapado ileso. Não existia uma queixa precisa da parte de ninguém, e pouca vez o nome de Tio Dico foi levantado. Foi somente depois de décadas que entendi como minha família sofria. Padecia-se de uma sombra experimentada em conjunto, dor impalpável que começou de maneira íntima, particular, mas que, sob mútua implicação, logo ganhou dimensões coletivas – sem, entretanto, jamais perder seu caráter de intangibilidade.

.2.

Há uma certa fila de prioridades no luto, mas mamãe não soube se valer disso. Como era a parente mais próxima de meu tio, ela tinha direito a se desbulhar em lágrimas, a rasgar as vestes metafóricas e, com a testa coberta de

cinzas, sair às ruas em pano de saco. Não o fez – ao menos não naqueles anos. Não dormiu mais que o normal, não se mostrou abatida, não tirou licença do trabalho.

Em casa, se recusou a descansar da rotina doméstica. Levou aquele primeiro ano a ferro e fogo. Preparava o almoço com a desenvoltura de um polvo, um braço para o arroz, outro para os legumes, outro para mexer as três, quatro panelas borbulhantes sobre o fogão. Almoçava enxugando o suor da testa com o dorso da mão, lavava a louça inteira e, antes do segundo turno no trabalho, aproveitava para dar conta da roupa. Como não tínhamos máquina, ela precisava bater e torcer calças, camisas e roupas íntimas. Retornando à tardinha, lavava as mãos e, sem nem mesmo tirar o uniforme, espalhava sobre a mesa utensílios, ovos, sal, farinha, manteiga e açúcar. Preparava a massa de pães, bolachas e bolos, depois metia tudo no forno e aproveitava o tempo da assadura para corrigir provas ou preparar aulas.

Quando o aroma amanteigado subia, ela gritava nosso nome – “Marcelo! Inês! Tá pronta a fornada!” –, e eu e minha irmã largávamos as brincadeiras com Toby para queimar os dedos nas travessas. Como papai só chegaria mais tarde (sempre tentando disfarçar a embriaguez), havia apenas três pratos sobre a mesa. Antes de nos servir, minha mãe separava duas outras porções da fornada: uma para quando meu pai retornasse, outra para o café da manhã do dia seguinte. Ainda mastigando, ela se levantava e, automática como uma vaca no arado, sem consciência alguma do que de fato estava fazendo, apanhava outras panelas para preparar o caldo que, algumas horas depois, nos serviria de jantar. Às vezes, enquanto a fome apertava

nosso juízo, esperávamos muito tempo por meu pai. Nesses dias, eu comia irritado, olhando com raiva para minha mãe, à espera de uma providência que nunca vinha.

Depois de lavar as últimas louças do dia e se dedicar a mais um ou outro afazer doméstico, ela tomava um banho e ia escovar os cabelos no sofá, onde nos reuníamos para assistir à novela. Mamãe nunca se irritava, nunca se entristecia, mas era nítido que se tratava de uma mulher em erosão. Ela se colocava em frente à TV e respirava fundo, o olhar mais inexpressivo que resignado. Eu me sentava sobre o encosto do sofá, às suas costas, puxava a escova e continuava a pentear seus cabelos ainda úmidos. Ela fazia cara de quem achava bom e, às vezes, beijava minha mão. Enquanto eu lhe fazia uma trança, desfrutando da sensação dos fios entre meus dedos, papai olhava de soslaio para mim. Ele trazia uma careta no rosto e, a curtos intervalos, deixava escapar um tardio soluço alcoólico.

.3.

Em meu primeiro dia de aula, foi mamãe quem me acompanhou pelo corredor da escola. Me apresentou à tia e me levou para sentar a uma das muitas mesinhas quadradas espalhadas pela sala. Quando me virei para trás, ela já havia partido.

70

Logo descobri que adorava estar em aula. Eu era uma criança gordinha e envergonhada do próprio corpo, então tentava escondê-lo de toda forma. Por isso, a

disposição da sala me trazia enorme alívio: todos prestavam atenção à professora, não a mim. Invisível, eu me sentia à vontade para responder a suas perguntas – com pressa e, no mais das vezes, acerto. Sobretudo depois que aprendi a ler, me destaquei muito na escola. Tirava nota máxima em quase todas as matérias, me dava bem com os números da matemática e com os fatos da história. Foi a linguagem, entretanto, o que desde cedo me capturou. Passada a alfabetização, ler meu primeiro paradidático foi um absoluto deleite para mim. Eu vibrava a cada nova palavra aprendida e era capaz de me lembrar até mesmo de onde primeiro as vi (mais até do que do enredo ou do nome das personagens de um livro). Depois, quando essas mesmas palavras me surgiam de maneira espontânea em alguma conversa – agora domesticadas, introjetadas a meu léxico –, uma estrela candente faiscava em meu peito.

Fora da sala de aula, entretanto, a escola era um tormento para mim. Soube disso desde minha primeira aula de educação física. Os meninos e as meninas haviam sido separados em dois grupos. Elas jogariam queimada, nós, futebol. Quando o professor nos mandou formar uma fila, eu me esgueirei até o final e, em um segundo, boleei um sistema de fuga, porque adivinhava que minha participação seria um fiasco. Depois que um colega chutava a gol e voltava a tomar posição atrás de mim, eu oferecia meu lugar, de modo que nunca avançava. Eu suava de tensão, apavorado com a possibilidade de descobrirem meu esquema. Do outro lado do pátio, as meninas se aqueciam com uma brincadeira de pega-pega. Era lá que eu queria estar, pois, entre os meninos, sempre me sentia mais desconfortável.

Me distraí com o jogo das meninas e acabei engolido pela marcha da fila. Agora eu estava no campo de visão do professor, que apitava e gritava nossos nomes. Se eu me retirasse ou trocasse de lugar, ele perceberia. Então chegou a minha vez. Um impulso de coragem beliscou minha testa quando me coloquei à frente da bola. Era correr e chutar. Era correr e chutar. Era correr e chutar. Em uma vertigem, corri e chutei. Errei a bola com a milimétrica precisão de transformá-la em uma roda que girou sob meus dedos, meu pé, meu calcanhar, minha panturrilha e minha coxa, até me alcançar o meio das pernas escancaradas em espacate involuntário. Dei um grito fino de dor, ao que todos os meninos caíram na gargalhada.

Foi um grave golpe a meu corpo roliço e humilhado, que, dali em diante, decidiria se apartar de vez de mim. Desde então e mesmo depois de meu súbito emagrecimento na adolescência, minha experiência corporal é sempre descentrada, alienada, como se, de outro lugar e sob controle de outra entidade, meu corpo fosse um peso a ser carregado, não *incorporado*. Tenho um corpo, hoje pondero, mas não o sou.

. 4 .

O tempo livre na escola eu passava quase inteiro com Nine. Quando a sirene tocava, eu ia procurá-la onde estivesse, e, ao menos em um primeiro momento, ela aceitou bem minha presença de irmão caçula.

A verdade é que eu não tinha amigos. Com os meninos eu não andava porque, para mim, tudo o que faziam era macacada. Eles me repeliam com sua correria convulsiva e sua gritaria sem fim, e eu me achava intelectualmente superior a todos eles. Quanto às meninas, sem que eu conhecesse a razão, a professora havia me proibido de brincar com elas durante o recreio. No entanto, como era da família, Nine estava excluída da proibição. Por meio dela, portanto, eu tinha acesso ao plácido e dialógico reino das meninas, e, de quebra, me inseria na turma dos mais velhos. Eu não participava das conversas (isso seria pedir demais), mas concordava com tudo o que minha irmã falava, como se lhe dar apoio fosse, a mim também, uma forma de estar certo.

A Nine que eu primeiro conheci na escola era uma menina serena e acolhedora – a pré-adolescente que foi surgindo nela, entretanto, ansiosa e irritadiça. Ela já não me aceitava tão bem a seu lado, e eu me ressentia de que agora houvesse meninos na roda. Eram, na realidade, garotos mais velhos que usavam o *intervalo* – não se falava mais em recreio – para se dedicar a atividades que não a galhofa dos menos maduros, que continuavam a gritar feito hunos pelo colégio. Havia uma compostura diferente neles. Sua voz era mais grossa e alguns já traziam uma penugem fina acima dos lábios.

Eu os achava ridículos. Sempre que apareciam, minha irmã me colocava de escanteio. Por que Nine mexia sem parar nas sobranceiras sempre que eles se aproximavam? Por que se encostava na parede e, em questão de segundos, colocava a mão na cintura, cruzava os braços, enfiava os dedos nos bolsos e ajeitava

o cinto repetidas vezes? Eu enxergava um pavor abra-seado em seus olhos, mas seu comportamento era servil. Ela pedia mesada à mamãe para comprar lanches, bombons e refrigerantes que, muitas vezes, nem sequer provava. Sobrava tudo para as amigas, para os rapazes e para as colegas dos rapazes.

Eu me sentia traído, mas, em parte por vingança, em parte porque não teria mais para onde ir, permaneci a seu lado, condição sem a qual não teria compreendido a tortura a que depois a submeteriam. Eu passei a ser mal e mal tolerado e, quando os meninos começavam a fazer chacota comigo (“cadê tuas *amiguinhas*, gordinho?”), ela me enxotava. Eu via que ela me maltratava por pressão do grupo, o olhar cheio de bem-querença e culpa. De todo modo, não era tão mau assim: fora do colégio, Nine ainda era minha melhor amiga.

.5.

Papai estava cada vez menos cuidadoso ao carnear os animais. De longe, no quarto, eu tapava os ouvidos quando, com o efeito de um terremoto, o barulho metálico das facas cruzava a rua e me avisava que, logo mais, um bicho seria morto.

Em um primeiro momento, para nos preservar, ele realizava os abates em um matadouro improvisado bem para trás do galpão. Tangia o bezerro, ou a vaca, ou o porco, e ali os imolava. Eu não tinha problema com o ritual em si, mas com os sons que vinham dele. Não me consternava, por exemplo, com a morte

silenciosa das galinhas, quando mamãe lhes quebrava o pescoço no quintal. Nem mesmo o sangue – nos casos em que ela dava um golpe em falso e precisava degolá-las a facão – me alarmava tanto quanto o arquejar das reses sacrificadas por meu pai.

Naqueles tempos, porém, ele já não tinha tanto senso de preservação. Fazia tudo no próprio galpão, deixando que o pedido último dos bichos ecoasse casa adentro. Hoje penso que a atitude de meu pai não era fruto de um desleixo, mas de um propósito, e talvez orientado a mim. Eu ia para o quarto e pressionava as mãos contra o crânio. Às vezes, cantava em voz alta. E sempre me tremia muito, pois nunca encontrava sucesso em abafar o barulho – um resquício de morte sempre me atravessava os dedos e chegava até meus ouvidos.

Estava de olhos cerrados quando minha irmã colocou a mão sobre meu ombro. Estremeci de susto. Ela estava com Tobby no colo e insistiu para que eu a seguisse. Eu a segui. Sob minha perspectiva de menino, a passagem aberta entre as árvores parecia maior – mas o Ourives, adiante, menos revoltado do que o penso hoje. Paramos no espaço em meia-lua que ficava à margem do rio, uma porção de terra úmida que, fora da estação das cheias, nós transformávamos em nosso reduto. Eu não conseguia entender a intenção de minha irmã, mas ela apontou para o meu ouvido e me perguntou se eu ainda podia escutar os grunhidos que vinham do galpão.

O fluxo da água sobre água e pedra era retumbante, mas também brando, quase narcótico, correndo feito láudano. O som nos envolvia e nos arrastava para

longe da vila, para longe dos bichos que se prostravam ao abate. Meu corpo inteiro relaxou e eu abracei minha irmã com força, pressionando a cabeça contra seu peito. Descobria ali que, por debaixo do Rio do Ourives, em um álveo recavo e manancial, sulcado de comunhão e de confiança, corria um outro rio, um rio profundo, um rio secreto que só eu e Nine podíamos acessar.

.6.

Ir à praia – como chamávamos aquela antessala do rio – se transformaria em um costume que, mais tarde, eu transmitiria, entre paternal e saudoso, a Yule e a Rute.

Quando fazia frio, sobretudo no inverno, eu e Nine nos agasalhávamos, vestíamos as galochas de borracha e nos sentávamos ali em pequenas cadeiras de praia, daquelas desmontáveis, que mamãe havia comprado depois de muito implorarmos. Levávamos uma mochila com biscoitos, uma térmica com suco e sanduíches que nossa mãe preparava fingindo estar magoada por não poder participar do nosso *rendez-vous*. Ninguém mais era autorizado a entrar no clube, salvo por Toby, que se aninhava entre minhas pernas e, com o focinho, puxava a parte de baixo do meu casaco para se cobrir.

Eu e minha irmã passávamos horas na praia, nos refestelando com as comidas, contando fuxicos da escola ou imitando atores da novela. Não era comum que tivéssemos visitantes (o acesso principal ao rio

ficava mais para o alto da vila), mas, se aparecia alguém, fazíamos cara feia e começávamos a falar em um idioma só nosso, que havíamos inventado. Constrangido, o invasor não demorava a ir embora, muitas vezes expulso por nossas risadas.

Sozinha comigo, Nine voltava a ser quem era. Agradava Toby com uma mão e, com a outra, remexia a mochila em busca de gostosuras. Sem razão aparente, começava a rir, até que eu me contaminasse e também caísse na gargalhada. Mesmo a Nine adolescente, cada vez mais tensa, a praia conseguiu amolecer – ao menos durante algum tempo.

No verão, o repertório de atividades aumentava. Eu ia com roupa de banho por baixo, mas apenas Nine mergulhava no rio – nem com ela eu me sentia à vontade para mostrar meu corpo. Mamãe nos fazia medo com suas histórias de correnteza, dizia que o Rio do Ourives era traiçoeiro: em seu cerne, escondido debaixo das águas mansas, corria um feixe de água gelada que, feito cobra, pegava as crianças pelo pé e as arrastava até o fundo. Sua voz monótona não almejava nenhum poder de convencimento, então tomávamos a narrativa por uma das fábulas que costumava contar para nos incutir medo e se livrar da tarefa de supervisionar nossas brincadeiras.

Eu me sentava sobre as largas pedras da beira do rio e me dividia entre Nine e Toby. Ela nadava de um lado para o outro, subia na boia amarela que papai havia lhe dado de aniversário e ficava olhando para o céu, absorta. Depois despertava e vinha me atazanar o juízo, jogava água em mim, queria saber por que eu não tomava banho. Eu respondia que, no fundo,

acreditava nas histórias de mamãe. Era, no entanto, uma mentira. Eu sentia uma vontade premente de ser envolvido pela água, de ter meu peso subtraído, de ter a quentura do sol lavada e carregada para longe pela água fria, mas nunca fiz nada disso. No máximo, quando me sentia mais afoito, submergia braços e pernas no rio, sem, contudo, jamais deixar minha guarida sobre as rochas.

Para não criar despeito da felicidade de minha irmã, eu me virava e dava atenção ao Toby. Jogava galhos para que ele fosse buscar e enterrava objetos que, frenético, ele desenterrava para me trazer com a cara suja de terra. Eu limpava o focinho dele e me voltava de novo para o rio, onde Inês levantava, com os braços, centenas de gotículas de água refulgentes da luz do sol. Eu a observava de longe e, mais de uma vez, cheguei até a ficar triste, mas, renitente, me recusava a entrar no Ourives.

.7.

Era a primeira vez que Nine usava um biquíni. Ela havia insistido por semanas com Dona Hilde – nós a chamávamos assim sempre que queríamos dar um ar de seriedade a nossos pedidos –, até que mamãe cedeu e, após uma visita à cidade, lhe deu de presente a roupa de banho.

Nine entrou radiante no banheiro para se trocar, mas saiu emburrada, cobrindo as nádegas com as mãos. Minha mãe perguntou a ela se não tinha gostado

da cor, ao que Nine não fez mais que grunhir. Embora desconfortável, minha irmã se recusou a trocar o biquíni pelo velho maiô azul. Caminhamos em direção ao rio com Inês tomada por tiques nervosos: repuxava o tecido para esconder os seios poucos e andava a passos curtos, engolindo a barriga. Estava envergonhada do próprio corpo, mas, em vez de se dobrar ao sentimento (como no meu caso), revoltava-se e se insurgia contra ele – no que, e isso seus maneirismos estranhos deixavam claro, vacilava a todo instante. Incapaz de tomar uma postura definitiva, Nine claudicava como um boneco de madeira mal montado.

Na praia, sua altivez fingida virou valentia. Ela pulou da rocha plana onde eu costumava me sentar e entrou na água. Mergulhou fundo. O rio era raso na borda, mas ganhava profundidade poucos metros adentro. Nine desapareceu por alguns segundos e emergiu quase à outra margem. Minha irmã nadava com cólera. Era raro vê-la assim violenta, cada brachada, um soco, cada pernada, um chute. Com o rabo e as orelhas eretas, Toby gemia assustado. Na volta, ela subiu de novo na pedra e, com a respiração desesperada de uma asmática, mais uma vez saltou e imergiu. Na terceira ou quarta vez, sua musculatura já falhava: perdeu equilíbrio e escorregou quando tentava erguer o peso do corpo para fora da água. Seus braços tremiam, mas ela não desistia do nado cheio de ira.

Da última vez, minha irmã afundou e demorou a subir, demorou a subir, demorou a subir – até que, afinal, não subiu. Toby começou a ganir antes que eu começasse a gritar: “Nine? Inês? Inês!”. Não havia

nenhum sinal dela – uma bolha, um rasgo na superfície uniforme da água, um grito. Nada: à minha frente, o rio deslizava com percuciente indiferença. Fiquei paralisado, sem saber o que fazer. Desatei a chorar e recorri a uma velha muleta minha: chupar o dedo. Depois comecei a jogar areia para cima, maldizendo o rio e maldizendo minha irmã.

Nine apareceu de repente do meio do mato. Estava pálida e só não chorava porque sabia que seria um desperdício de energia com o qual não poderia arcar naquele momento. Desabou no chão e começou a vomitar bastante água, tossindo e cuspidando uma baba grossa que parecia não acabar mais. Por fim, se largou no chão e começou a chorar, um choro decoroso que condizia com sua aversão a desagradar a quem estivesse a seu redor. Rangia os dentes e apertava os olhos, gotas de lágrima e gotas de rio se atraindo e fundindo, virando, elas mesmas, um íntimo curso d'água. O ato teatral de minha irmã havia acabado. Ela falou baixinho quando me perguntou se, às vezes, eu me lembrava do Tio Dico, se, às vezes, como ela, eu também não conseguia dormir, pensando sem parar na língua de nosso tio pendurada para fora.

Eu não lhe dei resposta, mas fiz uma carícia em sua mão, ao que Toby veio e lambeu a água de seu rosto. A ela isso pareceu bastar, pois sorriu e, inadvertida do horror e do fascínio que seu corpo estirado na areia exercia sobre mim, se deixou ficar ali alguns minutos, respirando o ar ribeirinho com a expansão torácica de quem por muitíssimo pouco não perdeu o fôlego de vez.